

Nova interpretação do seu Misticismo

Segundo Myers, o homem é a morada de uma certa entidade psíquica que só em parte se manifesta através do organismo, mas que se revela mais amplamente pelo tramite de certas faculdades anormais, peculiares aos místicos, aos poetas e aos artistas.

Essa parte do nosso Eu, oculta no santuário da vida interior, Myers denominou-a de «Eu subliminal». Esse Eu parece ser a base da nossa existência transcendental e de todos os estados de consciencia supernormaes como o extasis, a inspiração, a clarividência...

Nas ignoradas esferas dessa consciencia «subliminal» brilham, num fundo de silencio e de misterio, astros e mundos espirituaes, que o olhar empanado do intellecto não pôde descobrir, mas que o telescópio da razão pura ou de intuição avista como arquétipos do que existe no plano físico.

Os genios, os poetas e os místicos são pessoas em que a vida divina, que está na raiz de toda natureza humana, se manifesta com maior brilho e frequentemente, despertando uma faculdade capaz de elevar a consciencia ás sagradas alturas das verdades incommunicaveis. Essa faculdade, superior á mente racional, é a intuição, a qual está adormecida, latente em todos os homens, mas activa nos poetas e nos místicos.

Sob as ondas tempestuosas dos nossos desejos, paixões e temores, sob a superficie agitada do nosso Eu inferior, encerrada num santuário de silencio e luz, lateja uma consciencia profunda, fonte cristalina de todas as nossas aspirações mais elevadas, de todos os nossos mais nobres sentimentos; elemento de onde nasce todo heroismo; manancial de onde jorra a intuição que é a luz que transfigura o genio e a aureola que corôa todas as almas privilegiadas.

Será esse mundo interior uma criação da nossa fantasia, uma estranha projecção do nosso cerebro ou o reflexo transitório da nossa mente? Assim não pensa o suave cantor da «Gioconda» e da «Nave». Ele crê que através da arte se revela um principio divino, que o poeta sente dentro de si como uma melodia suave, como uma voz harmoniosa ou uma luz que desce do mundo da intuição e se reflete no cerebro, á semelhança do raio duma estrela distante que se espelha num lago calmo e transparente.

Os poetas são verdadeiros inspirados e constituem a consciencia de todas as épocas em suas mais altas expressões; são os oráculos dos periodos de transição como o nosso, e a fonte misteriosa de onde surgem as mais elevadas revelações da vida interior.

Em todos os grandes poetas, como Dante, Shakespeare, Homero, Goethe, Camões, Valmyhi e Hugo, ha um fundo místico, teosofico, pois todo idealismo é uma expressão teosofica, um fulgor místico.

O poeta, consciente da sua missão, torna-se ás vezes, como Virgilio e Eschilo, um profeta, um sacerdote, pois é iniciado nos

misterios da arte e magno ao celebrar a missa da beleza. O «Parsifal» de Wagner, o «Prometheus» de Eschilo e o «Martirio de S. Sebastião» de D'Annunzio, não serão talvez obras ocultas e magicas? Ha versos que são «mantras» e revelações esotericas, como os da «Tempestade» de Shakespeare, poeta e rosa-cruz. Mas os verdadeiros poetas são raros.

Só os que sabem penetrar no santuário da vida interior e no sagrado silencio das alturas espirituaes, como Moysés na montanha, sabem aparecer aos homens, iluminados por um clarão divino e com o facho de uma nova revelação, só esses são poetas, porque o poeta deve ser um iluminado capaz de um grande exemplo de heroismo, capaz de apontar aos homens a estrela mística do Eu superior.

D'Annunzio, depois de ter andado longo tempo pelas estradas enganadoras da ilusão e do sensualismo, como o demonstrem as suas obras, «Primovere», «Canto nuovo», «Intermezzo», «Città Morta», «Il Fuoco», «Le Vergini», etc., depois de ter sentido o vazio dos prazeres transitorios e ter experimentado o fruto do mar morto das ilusões terrenas, procurou nas revelações interiores, no silencio da alma, as reformas mais perfeitas da beleza e a luz espiritual, que não conseguira achar no faiscar das paixões.

A influencia do invisível aparece frequentemente nas obras do poeta italiano publicadas desde 1905 até hoje. Nessas obras, D'Annunzio procurou elevar-se á dignidade da sua missão de poeta, e, lentamente, foi escalando o Thabor do misticismo, em cujo vertice havia de receber, qual o novo Moysés, a sagrada iniciação em supremas verdades que lhe inspiraram versos admiraveis e lhe fizeram sentir o sopro da Grande Alma que habita no silencio de todos os corações.

No romance «Forse che si, forse che no», sob a legoria do vôo do protagonista, Paulo di Torso, o poeta revela o seu renascimento místico. O «outro lado» que com o «velivolo» quer alcançar, simbolisa talvez o alcance de uma vida espiritual, que o cantor da «Figlia de Jorio» já sentia brotar em sua alma.

Voltando os olhos para as regiões serenas do espirito, sentindo a presença da Alma Cosmica em seu interior, percebendo que o genio é o resumo do macrocosmos, consciente da Vida divina manifestada e penetrado de um sentimento panteistico, exclama:

«O Gran Pan não morreu»

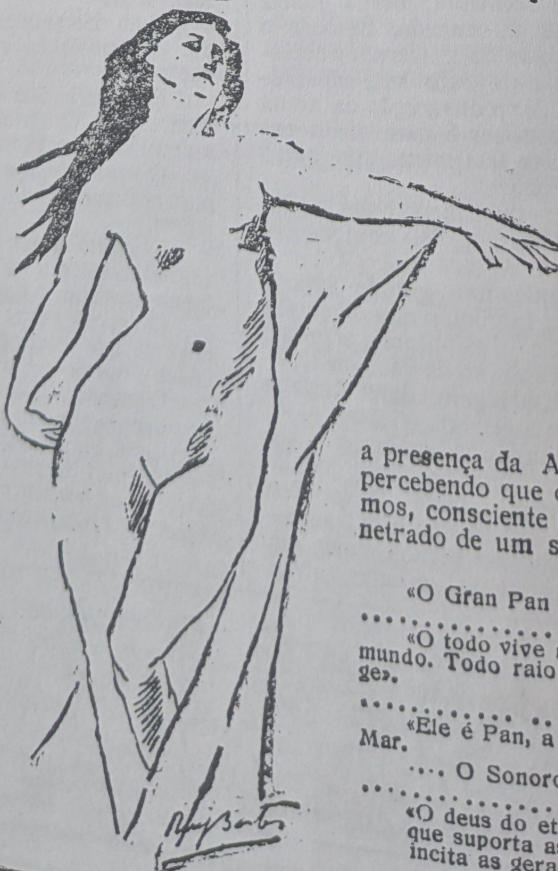
«O todo vive n'ele. No seu peito encerrado está o mundo. Todo raio e toda treva n'ele desce ed'ele surge».

«Ele é Pan, a substancia do Ceu, da Terra e do Mar.

«O Sonoro, o Vagabundo».

«O deus do eterno retorno, que suporta as estrelas, incita as gerações.

O poeta percebe que, além das grosseiras ex-





pressões da personalidade, se dilata um ser imenso, extraordinário, que vive numa esfera invisível, intangível, fóra do espaço e do tempo.

Essa entidade interior, que pôde ser identificada com o "eu subliminal" de que fala Myers, é para D'Annunzio a fonte de toda inspiração, a essência da arte e o objectivo da vida.

O poeta, pensa D'Annunzio, é a expressão dessa divina essência que habita no fundo do ser, de maneira que é esse eu transcendental, o Deus interior que dita ao cérebro os versos sublimes e os poemas imortaes.

O genio, diz o vate, "lembra-lhe aqueles momentos extraordinários em que—no silêncio e no calor intelectual da sua camara remota—a mão havia escrito sobre a pagina um verso eterno, que lhe parecia não ter nascido do seu cérebro, mas ter sido ditado por um deus impetuoso, ao qual o órgão inconsciente obedeceu como um cego instrumento."

Falando ainda do poeta diz D'Annunzio:

"Tudo o que os outros não ouvem, ele ouve, não com o ouvido, mas com um espirito que está dentro dele. Modula um só motivo sobre a sua flauta de osso de veado; mas ninguém sabe aquele motivo: ele conhece e o conhecedor os seus mortos."

E ele é a virtude, é a arte."

A's vezes o poeta, como declara D'Annunzio, ouve essa voz interior, como se alguém superior a ele lhe falasse.

Também Novalis sentia esse influxo interior, e em seus "Fragmentos" escrevia:

"Parece ao homem que está empenhado numa conversa e que algum ser desconhecido e espiritual determina-o, de maneira maravilhosa, a desenvolver os pensamentos mais evidentes. Esse ente deve ser superior e homogêneo, porque põe-se em relação com o homem de uma maneira que não é possível a um ser sujeito aos fenómenos."

Parece que ha no genio um ser espiritual que pensa de modo superior ao intellecto, vê as coisas interiormente e a verdade directamente.

E' o principio da intuição da filosofia de Bergson, ou a "razão pura" de Viant; é o "buddhin" dos teosofistas.

Nos momentos de inspiração, o poeta vê através de sentidos que não são físicos, e vive uma vida anormal num mundo ou num plano diferente do nosso.

Falando desse estado e como se tivesse numa esfera superior, D'Annunzio diz: "as coisas me aparecem como se eu as contemplasse de não sei que fechada profundidade."

Sob o dominio da inspiração, ele pensa ás vezes diferente do que em seu estado normal, porque o cérebro torna-se um instrumento receptor apenas, e, como um desconhecido que nos fala.

A alma é a Musa, a grande inspiradora, e quando o poeta escreve, diz D'Annunzio:

"Então sentimos um poder ignoto em nós, crescer uma aza terrível do nosso entusiasmo, um anseio de impeterno gigante forçar a nossa angustia, destruir o impêdimento do corporeo involucro."

Falando do deus interior, diz o poeta:

"... era eloquente como um espirito que fala de si com tremor de azas, assim que o pezo animal se transformava em verbo."

"A nossa vida, continua o poeta, é uma obra magica que se escapa ao reflexo da razão e tanto mais rica, quanto mais se afasta, actuando pelo occulto, e frequentemente contra a ordem das leis aparentes. Nem quando julgamos dormir ou sonhar, estamos nós dormindo..."

O poeta crê que a consciencia superior transcende o tempo e o espaço. Todos os seres e todos os acontecimentos estão dentro dessa consciencia, assim como include todas as gerações passadas e do porvir. E' um panteismo nubloso, mas profundo o de D'Annunzio.

Referindo-se a um desses momentos em que a consciencia remonta a corrente dos seculos e revive no passado entre gerações desaparecidas, diz:

"Era como um eco que voltasse, como uma repercussão trazida por ventos de logares profundos. Vana julgou ver-se a si mesma naquella s duas silabas exclamadas num remoto passado."

Segundo D'Annunzio, os acontecimentos antes de se realizarem no mundo material, realizam-se no invisível.

"Quem poderá dizer quando e onde nasceram as figuras que de repente surgem da parte solida e opaca de nós mesmos, e nos aparecem perturbando-nos? Os adventos mais ricos acontecem em nós muito antes da alma perceber-os. E quando começamos a abrir os olhos sobre o visível, já estamos ha tempo no invisível."

"Estamos ha tempo no invisível",—com estas palavras o poeta parece referir-se á preexistencia e, essa idea, aliada á outra da immortalidade do espirito da Espécie que, segundo D'Annunzio, renasce de geração em

geração, faz-nos perceber, no fundo do, misticismo d'annunziano, a filosofia de Schopenhauer com o retorno periodico da Vontade, retorno este que é uma espécie de emigração ciclica do visível para o invisível (a morte), e do invisível para o visível (o nascimento). No fundo dessa nublidade metafisica, aparece lentamente a filosofia oriental e a doutrina da transmigração ou reencarnação.

Esse pensamento aparece mais claro no seguinte trecho da obra "Giovani Episcopo":

Tudo foi provado, tudo aconteceu. A nossa alma compõe-se de mil almas, de cem mil fragmentos de almas que viveram toda a vida, que produziram todos os fenómenos e a todos os fenómenos assistiram."

Ascendendo pelo espiral dos estados superiores da consciencia espiritual que se dilata alem das esferas das emoções e do intellecto, perdendo-se nas serenas regiões da intuição, D'Annunzio, contemplando desde aquele Thabor interno as sombras transitorias do mundo dos mortaes, percebeu que os seres e as coisas são aparições apenas, no plano objectivo, de um Espirito infinito, de uma Vida eterna, em que cada alma vive e tem o seu fundamento.

A unidade substancial do todo aparece na luminosa concepção fantastica do poeta, concepção esta que transpira nas composições "Laudi", "Pioggia nel Pineto", "Allucione", "Albasia" e "L'Isola delle Progne".

Ele sente-se identificado com o todo e escreve:

"Não tenho mais nome."

Eu vivo na flor, em cada coisa finita, ardo, resplandeço, não tenho mais nome."

Por fim chega á conclusão que a vida dos sentidos não é senão um reflexo da verdadeira vida divina. A Morte, com o seu silencio funerario, com os seus mistérios sagrados, aparece-lhe como uma grande resurreição, como a essência da Vida e irmã coeterna da Arte. A Morte é para ele "a tragica divina", conductora das musas.

A Vida tem a sua razão suprema na Morte, mesmo porque a Vida e a Morte se alternam e como os mortaes vão para ela, assim "os mortos voltam", diz o poeta em "Giovanni Episcopo".

A Morte é para ele o simbolo da resurreição, e, contemplando-a em uma imagem do Cristo, exclama: "não era a imagem dum mortal, mas dum imortal: como as figuras do seculo da fé tinha os



olhos abertos porque não acreditava senão na vida... Não mostrava os traços dos anos e os sulcos da velhice, mas era a juventude de quem ressurgia, na idade que todos os homens terão, quando estiverem para ressurgir n'Ele.

Eis, em breves palavras, apresentados alguns dos aspectos ocultos da obra d'annunziana, mas resta ainda um dos mais interessantes aspectos que é o que podemos denominar *o messianismo de D'Annunzio*, o qual certamente, muito deve interessar aos membros da Ordem da Estrela do Oriente.

Ha versos nas obras de D'Annunzio que são uma verdadeira mensagem messianica.

Como em todos os tempos, actualmente os poetas presentem os grandes adventos do deserto, apontando nos horizontes do futuro a celeste Chanaan.

Assim como antes de aparecer na Judéa e meigo Jesus, Eschilo, no "Prometheu", havia profetisado a vinda do "grande libertador", que destronaria os deuses do Olimpo, e Virgilio, na quarta Egloga, falava de um novo Deus, a loira creança que havia de pôr termo á idade de ferro e restabelecer a era da paz, actualmente poetas como Antero do Quental (ver "Odes Modernas"), Antonio Correia de Oliveira (ver "Tentações de S. Frei Gil"), Ruben Dario e Gabriel D'Annunzio, entrevendo, entre as serrações do presente, a fosforescencia de uma aparição que vem lentamente definindo-se, annunciam a vinda dum Grande Iluminado, que virá iniciar a epopéa de uma nova Era.

Apoz uma ampla visão panteistica, o vate italiano vê destacar-se da Grande Alma a divina figura do maior interprete da Natureza e do coração humano, o Senhor dos profundos silencias e das harmonias angelicas, o Poeta maior que cantará a nova Epopéa, e então D'Annunzio o evoca e diz:

"O' montanhas imortaes,
Fazei que desça os vossos misterios,
Coroados de luz, o Vate!"

Vendo numa visão profetica, a dôr do mundo, o poeta espera na redenção do Salvador vindouro e em "Elettra" diz:

"A esperança e a alegria fugiram longe dos corações humanos, e todos os sonhos da beleza, todos os sonhos da arte feliz se apagaram; uma arida angustia aperta cada coração, e ouve-se em torno o rugir da guerra e de privações atrozes.

"Quem, finalmente, descendo até nós das alturas excelsas, nos trará a paz? Quem sobre a vasta fronte terá luz de alegria?"

"O' tu, das montanhas purissimas. Espirito ignoto, desce com a tua alegria!"

Dos pincaros virgens que resplandecem sobre as estrelas piedosas, das inexploradas regiões onde cantam as fontes perenes, inconscientes do verão supremo, das veias incorruptas dos gelos, do sagrado silencio das coisas ignoradas, de toda a grandeza veneravel das montanhas mães, eu te evoco, ó puro Espirito sem nome, que o olhar da alma vê passar sobre o abismo onde ha tanta dôr humana, e, abrir as portas do Futuro."

Como o génio protetico de Israel, ele vive absorto numa esperança messianica, e declara na "Canção de Mario Bianco":

"O meu sonho, astro que vela, declina sobre os mares do futuro".

Sente ás vezes a sua alma elevar-se como uma prece para a vindoura divindade. Eis uma descrição desse extasis:

"O ritmo da resurreição levanta a terra.

Eu não sentia mais os meus joelhos, nem ocupava o meu logar augusto com a minha pessoa; mas eu era uma força ascendente e multipla, uma substancia renovada para alimentar a futura divindade".

"Estrela que vela", escreveu na "Canção de Mario Bianco", som porque tornou-se o annunciador e elevando-se ás alturas de uma região silenciosa ele diz:

"E' filha do silencio a mais bela sorte; virá do silencio, vencendo a morte, o Heroe necessario."

Preparando-se para espera-lo diz á sua alma em "Il canti della ricordanza e dell'aspetazione", "E tu vela ás portas, lembra-te e espera".

Recordando, talvez, a divina figura do Cristo e vendo-a apagar-se atravez das idades, o poeta pergunta:

"Quem virá pós a tua sombra?"

Mas uma voz interior responde:

"Levanta-te e espera, o Senhor virá."

Afinal como o "O Senhor esperado" batesse ás portas do mundo e perguntasse aos homens quem iria annunciar-o, o poeta diz:

—Eis-me, manda-me, Senhor".

A mim eu disse: lembra-te e espera, do silencio Ele virá.

"Vela ás portas. A gloria foi. Lembra-te e espera. Eis... vê, obedeço ás suas ordens e tremo.

Agora ele diz: Quem hei de mandar, o annunciador e advinhador de coisas Santas?

Quem irá?...

Eis-me, digo, manda-me, Senhor".

Mas alguém pergunta: "Com qual sinal", e o poeta, cumprindo o seu dever nestes ultimos anos de sacrificios e devotamento á uma grande causa, escreveu: "Com o sinal dos herois".

Compreendendo o erro em que havia caído na sua mocidade, o poeta italiano rasgou o veu da illusão e encaminhou-se para mais nobres ideaes, fazendo da sua vida de artista sublime, não mais uma oferta lubrica sacrificada sobre o altar do prazer, mas um exemplo edificante de pureza, de abnegação, de idealismo redentor.

Agora não procura mais, como quando escreveu o "Fogo" a *sabedoria do prazer*, procura a humildade mistica dos que muito sofrem e na noite espiritual que precede sempre o despertar da alma, sente que agora tem unicamente "o seu tormento e o seu canto", "agora só espera, na ultima beleza da morte", como declara na "Canção de Umberto Tagni" e no "Heroe necessario", no Redentor, que ele annuncia e espera, pois que "o seu sonho, astro vigilante, declina sobre os mares do futuro".

O' poeta, "lembrate e espera, do silencio Ele virá!"

ANGELO GUIDO